

Prevalência da automedicação em acadêmicos de fisioterapia de uma Instituição de Ensino Superior de Teresina

Prevalence of self-medication in undergraduate of physical therapy from an institution in Teresina

Bruna S. I. Neres¹; Larruama S. Figueredo¹; Manoel Dias Souza-Filho²; Charllynton L. S. Costa³; Maria do Carmo de Carvalho e Martins⁴; Antonio Luís Martins Maia-Filho⁵

¹ Acadêmica de Fisioterapia da Faculdade Integral Diferencial – FACID. Teresina, PI. [Brasil]

² Mestre em Ciências e Saúde. Professor da Universidade Federal do Piauí – Campus Ministro Reis Veloso. Parnaíba, PI. [Brasil]

³ Mestre em Química. Coordenador do Curso de Farmácia da Faculdade Integral Diferencial – FACID. Teresina, PI. [Brasil]

⁴ Doutora em Ciências Biológicas. Professora do Departamento de Biofísica e Fisiologia da Universidade Federal do Piauí. Professora da Faculdade NOVAFAPI. Teresina, PI [Brasil]

⁵ Mestre e Doutorando em Engenharia Biomédica do Instituto de pesquisa e desenvolvimento - Universidade do Vale do Paraíba. Professor da Faculdade Integral Diferencial, Professor da Faculdade Santo Agostinho. Teresina-PI, Professor da Faculdade de Ensino do São Francisco. Pedreiras, MA. [Brasil]

Endereço para correspondência

Antonio Luiz Martins Maia filho
Rua Industrial Jose Camilo da Silveira, 261
64049-340 – Teresina, PI [Brasil]
almmaiaf@ig.com.br

Resumo

Objetivos: Avaliar a prevalência de automedicação entre acadêmicos do curso de fisioterapia de uma faculdade privada. **Método:** Os dados foram obtidos por meio de questionários com questões abertas e fechadas. **Resultados:** Foram avaliados 177 estudantes, de ambos os sexos, com idades entre 20 e 49 anos. A prevalência de automedicação entre os estudantes pesquisados foi de 46,87%. Os principais motivos para a automedicação citados foram dores de cabeça (50,62%), cólica menstrual (19,92%), e dor músculo-esquelético (11,62%). Entre os tipos de medicamentos referidos, os mais utilizados foram analgésicos (76,55%) e antibióticos (9,29%). **Conclusão:** A automedicação é frequente entre estudantes de cursos da área de saúde, o que pode ser evidenciado no presente artigo, onde quase metade dos estudantes referiu realizar tal prática.

Descritores: Automedicação; Estudantes; Prevalência.

Abstract

Objectives: To evaluate the prevalence of self-medication among students of physiotherapy in a private college. **Method:** Data were obtained through questionnaires with closed and open questions. **Results:** There were 177 students of both sexes, aged between 20 and 49 years. The prevalence of self-medication among the students studied was 46.87%. The main reasons cited for self-medication were headaches (50.62%), menstrual pain (19.92%) and musculoskeletal pain (11.62%). The types of drugs mentioned, the most commonly used were analgesics (76.55%) and antibiotics (9.29%). **Conclusions:** Self-medication is common among students attending courses in the area of health, which may be evidenced in the present article, where almost half of the students referred perform this practice.

Key words: Self-medication; Students; Prevalence.

Introdução

A automedicação é um fenômeno bastante discutido na cultura médico-farmacêutica, e tido como especialmente preocupante no Brasil.¹ Essa é uma prática comum, vivenciada por civilizações de todos os tempos, com características peculiares a cada época e região^{1,2}. É definida como uso de medicamentos sem prescrição médica, em que o próprio paciente decide qual medicamento utilizar. Inclui-se nessa designação genérica a prescrição (ou orientação) de medicamentos por pessoas não habilitadas, como amigos, familiares ou balconistas da farmácia, nesses casos também enquadrados como “exercício ilegal da medicina”^{1,3}. Outro termo utilizado é a automedicação orientada, que se refere à reutilização de receitas antigas, sem que elas tenham sido emitidas para uso contínuo^{4,5}.

A automedicação é um procedimento caracterizado fundamentalmente pela iniciativa de um doente, ou de seu responsável, em obter ou produzir e utilizar um produto que acredita lhe trará benefícios no tratamento de doenças ou no alívio de sintomas².

Entre as causas do uso indiscriminado de medicamentos pela população, sobretudo a automedicação, estão a multiplicidade de produtos farmacêuticos no mercado e sua maciça publicidade; dificuldade de acesso da população de baixa renda aos serviços de saúde; tímidas campanhas de conscientização sobre os possíveis agravos à saúde, resultantes dessa prática, assim como a possibilidade de obter informações sobre medicamentos por meio dos meios de comunicação, particularmente, da internet.⁶

No Brasil, de acordo com a Associação Brasileira da Indústria Farmacêutica (ABIFARMA), cerca de 80 milhões de pessoas são adeptas da automedicação. Esse quadro é favorecido pela má qualidade de oferta de medicamentos, pelo não cumprimento da obrigatoriedade da apresentação de receita médica e pela ausência de informação sobre os possíveis efeitos colaterais que essa prática pode acarretar.¹

Nesse trabalho descreve-se a prevalência de automedicação entre acadêmicos de fisioterapia de uma instituição de ensino superior de Teresina-PI.

Material e método

Esse estudo, do tipo transversal de base populacional, é direcionado aos acadêmicos de fisioterapia de uma instituição de ensino superior de Teresina.

As informações foram obtidas por entrevista realizada, nas dependências da instituição de ensino superior, entre fevereiro de 2009 e julho de 2009. As variáveis observadas foram divididas em três blocos de questões. No primeiro estavam aquelas de natureza sociodemográfica – idade, sexo, estado civil e renda familiar. No segundo, as variáveis necessárias para o alcance dos objetivos do estudo, ou seja, uso de algum medicamento nos últimos três meses (tanto faz se receitado por médico ou não e tanto faz a razão pela qual estavam tomando o remédio), qual(is) o(s) nome(s) do(s) medicamento(s) que estava(m) tomando nos últimos três meses, quem prescreveu o(s) medicamento(s), qual o motivo de uso do(s) medicamento(s), qual a origem do(s) medicamento(s), realização e justificativa de automedicação, se é frequente e os tipos de medicamentos utilizados.

Foram entrevistados 177 acadêmicos de fisioterapia de um total de 328 que estavam regularmente presentes nas aulas. Os questionários foram codificados no programa EPIINFO 6.04B e, para verificação de erros, os dados foram revisados e digitados duas vezes. A associação entre variáveis foi verificada por meio da aplicação do teste de associação do χ^2 (Qui-quadrado) e pela prova de U de Mann-Whitney às frequências. Odds Ratio foi utilizado nas relações entre duas variáveis nas tabelas 2x2. O nível de significância foi estabelecido em 5%.

Esse estudo foi aprovado pelo programa de iniciação científica e pelo Comitê de Ética da instituição onde foi realizado o estudo sob

protocolo 564/09. A todos os entrevistados foi garantido o direito de não participação e o sigilo das informações; e aos que concordaram em responder o questionário foi solicitada assinatura de termo de consentimento livre e esclarecido.

Resultados

A prevalência de automedicação entre os estudantes pesquisados foi de 46,87%. Conforme resultados presentes na Tabela 1, observa-se que houve predomínio de uso de automedicação entre os estudantes na faixa etária de 25-29 anos (57,1%), no entanto, constatou-se que, embora a

proporção absoluta de automedicação seja maior nessa faixa etária, não houve diferença estatística significativa quanto a automedicação relacionada às diferentes faixas etárias.

Ao analisar o responsável pela indicação de uso de medicamentos (Tabela 2) observa-se predomínio de automedicação (46,9%) seguida por utilização de medicamentos prescritos por médicos (33,1%). No que se refere à justificativa para a automedicação, a experiência anterior com o medicamento (89,3%) aparece com maior frequência.

Quanto à utilização de medicamentos nos três meses antes da entrevista, houve predomínio de uso por mulheres (87,9%), sendo 92,8% das estudantes praticantes de automedicação (tabela 3).

Tabela 1: Uso de medicamentos e prática de automedicação entre estudantes de Fisioterapia, segundo faixa etária

Variável	Faixa Etária								Estatística
	20-29		25-29		30-39		40-49		
	n	%	n	%	n	%	n	%	
Uso de medicamentos									
Sim	48	32,6	81	57,1	12	8,1	6	4,1	$\chi^2=4,37$ $p^*=0,22$
Não	7	28	11	44	5	20	2	8	
Prática de automedicação									
Sim	27	32,5	46	55,4	6	7,2	4	4,8	$\chi^2=0,66$ $p^*=0,88$
Não	29	33,7	44	51,1	9	10,4	4	4,6	

p* (prova de U de Mann-Whitney)

Tabela 2: Características da conduta no uso de medicamentos

Variável	Sim	%	Não	%	Estatística
Responsável pela indicação de uso de medicamentos					
Tomou por conta própria	68	46,9	4	44,4	$\chi^2=17,07$ $p=0,004$
Médico	48	33,1	3	33,3	
Parente ou conhecido	14	9,6	1	11,1	
Outro profissional da saúde	9	6,2	0	0	
Balconista de farmácia	6	4,1	0	0	
Outro	0	0	1	11,1	
Justificativa para prática de automedicação					
Experiência anterior	134	89,3	2	40	$\chi^2=24,61$ $p<0,0001$
Influência da mídia	6	4	0	0	
Sobras de prescrição	1	0,6	0	0	
Dificuldade de acesso a atendimento	1	0,6	1	20	
Outro	8	5,3	2	40	

Tabela 3: Características da automedicação, segundo o sexo.

Variável	Sim	%	Não	%	Estatística
Uso de medicamentos nos últimos três meses					Odds ratio=0,59
Masculino	52	81,3	12	18,7	$\chi^2=1,46$
Feminino	95	87,9	13	12,1	$p=0,22$
Automedicação					Odds ratio=0,74
Masculino	57	90,5	6	9,5	$\chi^2=0,29$
Feminino	103	92,8	8	7,2	$p=0,58$

Na Tabela 4 são mostrados os grupos de medicamentos utilizados em automedicação, seus princípios ativos e a principal queixa citada como razão para realização de automedicação. Observa-se predomínio na utilização do grupo dos analgésicos (76,55%) em relação aos outros grupos de medicamentos referidos pelos estudantes, destacando-se a Dipirona Sódica (65,62%) e o Paracetamol (9,38%), entre as drogas mais utilizadas como analgésico pelos praticantes da automedicação. Além disso, foi observado o uso de outras classes de medicamentos como antibióticos (9,29%), descongestionantes nasais (8,41%) e anticoncepcionais orais (5,75%), sendo, respectivamente, a Amoxicilina (15,62%), o Cloridrato de Oximetazolina (5,21%) e o Etinilestradiol (4,17%), os princípios ativos mais utilizados em cada uma dessas classes de medicamentos. Quanto às razões para o uso de automedicação apontadas pelos entrevistados, as principais foram dor de cabeça (50,62%) e músculo-esquelética (11,62%), cólica menstrual (19,92%), cólica abdominal (9,95%) e infecção respiratória (7,89%).

Discussão

A automedicação constitui uma prática universal, presente nas mais diversas sociedades e culturas, independentemente do grau de seu desenvolvimento socioeconômico.

Nesse estudo, foram entrevistados acadêmicos do curso de fisioterapia da faixa etária de 20 a 49 anos de idade. Considerando-se a variável idade, não houve diferença entre as

Tabela 4: Grupos de medicamentos utilizados, princípios ativos e queixas referidas por estudantes que realizavam automedicação

Variável	n	%
Grupos de medicamento mais utilizados		
Analgésico	173	76,55
Antibiótico	21	9,29
Descongestionante nasal	19	8,41
Anticoncepcional	13	5,75
Princípios ativos mais utilizados		
Dipirona	72	75,00
Amoxicilina	15	15,62
Cloridrato de oximetazolina	5	5,21
Etinilestradiol	4	4,17
Principais queixas		
Cefaléia e Dor músculo-esquelética	150	62,24
Cólica menstrual	48	19,92
Cólica abdominal	24	9,95
Infecção respiratória	19	7,89

faixas etárias estudadas. Nesse sentido, segundo Arraias¹, a automedicação no Brasil é praticada principalmente por mulheres, entre 16 e 45 anos.

A não obrigatoriedade da receita médica, a vasta publicidade e a falta de campanhas a fim de evidenciar os riscos causados pela automedicação contribuem para que a prevalência dessa prática permaneça elevada. Nesse trabalho, metade dos estudantes (46,9%) usou medicamentos por conta própria.

A escolha do medicamento, de acordo com a maioria dos entrevistados (89,3%), é baseada

na experiência anterior com o medicamento. Uma avaliação mais precisa desse item não foi possível em razão da inclusão de grande quantidade de informação na categoria “outros”.

Não foi observada, no conjunto de resultados obtidos, associação estatisticamente significativa entre a prevalência de automedicação e o sexo dos participantes. Entretanto, a literatura descreve o uso mais frequente de automedicação entre as mulheres^{1, 3, 7}. Esse resultado pode ser parcialmente atribuído à exploração, pela propaganda de medicamentos, dos papéis sociais tradicionalmente atribuídos às mulheres, como o de prover a saúde da família.

Medicamentos do grupo dos antiinflamatórios não esteróides – AINES, como a Dipirona Sódica, foram listados por 65,62% dos participantes do estudo. Este resultado também é evidenciado em outros trabalhos, onde a predominância dos AINES entre os medicamentos mais procurados é um fato comum tanto na automedicação praticada no Brasil como em outros países^{1, 8, 9, 10}.

Alguns autores observaram que a prática de automedicação está associada à presença de sinais e sintomas menores de características agudas como dor, principalmente a dor de cabeça^{3,11,12,13}. Os resultados obtidos nesse estudo corroboram a associação observada por esses autores. Além disso, o fato de que as principais queixas referidas pelos estudantes estudados serem dores de cabeça e cólicas menstruais reforça a presença da automedicação em mulheres^{11,12}.

Considerando que a automedicação é uma prática utilizada por metade dos estudantes pesquisados, e diante dos riscos de danos à saúde associados ao uso incorreto de medicamentos. Os resultados aqui obtidos reforçam a necessidade de uma política pública para a definição de intervenções e estratégias de promoção da saúde, no intuito de esclarecer a população em geral, e também os estudantes universitários, acerca do uso adequado de medicamentos cuja venda é permitida sem receita médica.

Referências

1. Arrais PSD. Perfil da automedicação no Brasil. Rev Saúde Pública.1997; 31(1):71-7.
2. Paulo LG, Zanine AC. Automedicação no Brasil. Rev. Ass. Med. Bras.1988; 34:69-75.
3. Sozo RV, Lopes CP, Menezes HS, Kerkhoff CE. Padrão de consumo de medicamentos sem prescrição médica na cidade de Porto Alegre, RS. Rev. Ciênc. Saúde Coletiva.2008;13:737-43.
4. Bestane WJ, Meira AR, Krasucki MR. Alguns aspectos da prescrição de medicação para o tratamento de gonorreia em farmácias de Santos (SP). Rev Assoc Med Bras.1980; 26: 2-3.
5. Bestane WJ, Meira AR, Meloni W. Tratamento da cistite em farmácias de São Paulo. Rev Assoc Med Bras.1980;26:185-6.
6. Souza JFR, Marinho CLC, Guilam MCR. Consumo de medicamentos e internet: análise crítica de uma comunidade virtual. Rev. Assoc. Med. Bras. 2008;54(3):225-31
7. Johnson RE, Popo CR. Health status and social factors in no prescribed drug use. Med Care.1983;21:223-5
8. Baños JE, Bosch R., Toranzo I. La automedicación con analgésicos: estudio en el dolor odontológico. Med. Clín. Barc.1991;96:248-51.
9. Delucia R, Planeta CS, Simões NA. Consumo de medicamentos, bebidas alcoólicas e cigarros por operários de Cubatão. Rev. Assoc. Med. Bras. 1987;33:215-8.
10. Morato GSR, Takahashi RN, Feingold SF. Avaliação da automedicação em amostra da população de Florianópolis. ACM Arq. Catarin. Med.1984;13:107-9.
11. Buko pharma kampagne. Dypirone: a drug no one needs. Bielefeld, Amsterdam;1989.
12. Laporte JR Carné, X.. Blood dyscrasias and the relative safety of non-narcotic analgesics. Lancet.1987;1:809.
13. Pereira FSVT, Bucarechi F, Stephan C, Cordeiro R. Automedicação em crianças e adolescentes. J. Pediatr. (Rio J.)2007;83(5):453-8.



